

Nova Crise no Horizonte

David Silva

Agora que a Indonésia, o inimigo comum, partiu, a população tende a regressar às suas identidades locais, em vez de tomar parte na emergência de uma consciência nacional necessária para a formação de um Estado-nação moderno.

Ao contrário do que habitualmente se pensa, Timor está longe de ser uma nação coesa. A partida do inimigo indonésio, fez renascer as antigas divisões. E agora todos temem que as eleições façam explodir a tensão acumulada.

As eleições para os 88 lugares da Assembleia Constitucional de Timor Leste estão marcadas para 30 de Agosto, a mesma data em que, há apenas dois anos, os timorenses votaram esmagadoramente a favor da independência da Indonésia, numa consulta popular organizada pelas Nações Unidas. No entanto, há pouco entusiasmo pelas eleições entre a população, à medida que aumenta o receio de que o emergente sistema multipartidário possa eventualmente levar a uma repetição da violência que se seguiu à consulta de 1999.

A Autoridade Transitória da ONU para Timor Leste (UNTAET) deu como adquirido que as eleições democráticas decorrerão de forma pacífica, durante o período transitório que conduzirá à independência do território. A UNTAET partiu do princípio de que uma ameaça à segurança viria das milícias pró-integracionistas que operam a partir de Timor Ocidental, e que as forças de manutenção da paz lidariam com estas incursões.

No entanto, nos últimos meses houve sinais de que as opiniões estão a mudar. Começam a surgir receios de que uma ameaça poderia emergir dentro das próprias fronteiras de Timor Leste. Em Fevereiro, o chefe de operações da polícia civil da ONU, Gary Gent, alertou para o aumento dos distúrbios pré-eleitorais, em grande parte porque a maioria dos timorenses não compreende o conceito básico da democracia — o de permitir às pessoas terem ideias diferentes.

Uma campanha nacional de educação cívica sobre os princípios da democracia, organizada pela UNTAET, deveria ter começado em Setembro de 2000. O objectivo do programa era preparar a população timorense para as eleições para a Assembleia Constitucional. No entanto, a campanha tem sido continuamente adiada, nomeadamente devido às queixas das ONG's locais de que a UNTAET não as envolveu suficientemente na sua preparação. O que é surpreendente, no entanto, é que as ONG's de Timor Leste entreguem à ONU a condução de uma campanha de educação cívica.

Depois de 25 anos de oposição concertada dos guerrilheiros das FALINTIL e do movimento clandestino à ocupação indonésia, seria de esperar que os timorenses quisessem desempenhar um papel activo na reconstrução de Timor Lorosae. Em Moçambique, por exemplo, após o fim do colonialismo, um grande número de programas cívicos foram organizados por todo o país, envolvendo milhares de voluntários que ofereceram os seus serviços de graça para construir a nação. Mas em Timor isso não aconteceu. A razão para esta falta de idealismo pode ter a ver com o facto de, ao contrário do que habitualmente se pensa, Timor Leste está longe de ser uma nação coesa.

A participação em larga escala dos timorenses no referendo de Agosto de 1999, e a clara manifestação do seu desejo de que o território deixasse de ser a 27ª província da Indonésia, contribuíram para a impressão de que os timorenses eram um povo unificado. Na realidade a participação e o resultado do referendo só mostraram a dimensão da antipatia da população em relação às forças indonésias.

Os timorenses viveram sob o domínio dos portugueses durante 400 anos, adoptando muitas facetas da cultura lusa; quase todos se dizem católicos praticantes, embora a maioria seja aminorista. Depois partilharam a angústia de viver sob ocupação indonésia durante mais 24 anos. No entanto, apesar de uma história partilhada, os timorenses continuam a ser um povo diversificado. As maiores preocupações relativamente a dissensões internas concentraram-se no enclave de Oéussi, que está rodeado pela província indonésia de Timor Ocidental. A população sente-se completamente isolada do resto de Timor Leste e alguns dos líderes tradicionais começaram já a pedir alguma forma de autonomia. Mas mesmo na metade oriental da ilha, a falta de comunicações, infraestruturas e transportes contribuiu para uma maior diversificação cultural e linguística. O território é seis vezes mais pequeno que Portugal, com uma população equivalente a menos de dez por cento da antiga potência colonial, e no entanto são faladas 32 línguas e dialectos.

Agora que a Indonésia, o inimigo comum, partiu, a população tende a regressar às suas identidades locais, em vez de tomar parte na emergência de uma consciência nacional necessária para a formação de um Estado-nação moderno. Tentativas para criar entusiasmo pela nova nação através da comunicação social esbarram com a falta de aparelhos de televisão fora de Dili, enquanto alguns distritos continuam a não ter acesso às emissões de rádio da capital e a maioria da população rural é analfabeta.

Também não está claro qual vai ser a língua nacional e oficial. Os currículos escolares estão a ser ensinados em tetum, bahasa indonesia, ou português, segundo a vontade e conhecimentos do professor. Para somar ao que parece ser uma crise de identidade nacional, são usadas no território três moedas — os dólares americano e australiano e a rupia indonésia. Em resumo, a construção nacional é um conceito que ainda não se impôs em Timor Leste.

Em muitas comunidades do interior montanhoso, as formas de vida tradicionais diferem pouco do tempo em que as caravelas portuguesas chegaram pela primeira vez à ilha, no século XVI. Para estas pessoas, o que acontece em Dili é tão relevante para a sua vida quotidiana como era Jacarta durante a ocupação indonésia. Mesmo nas cidades do litoral não existe praticamente conhecimento das questões políticas, económicas e culturais que estão a ser discutidas na capital. E é provável que sejam os chefes de clã tradicionais e os líderes locais que decidem em quem é que as pessoas sob a sua autoridade vão votar quando as eleições se realizarem. As próximas eleições para a Assembleia Constitucional poderão ser marcadas por um regresso das rivalidades históricas que existem entre clãs e regiões.

Com o desemprego nas áreas urbanas a ultrapassar os 80 por cento, jovens entediados podem ser vistos a deambular nas ruas de todas as grandes cidades. No campo, a população rural continua a viver como faz há séculos, com a sua agricultura de subsistência e uma enorme miséria. Como não existe um impacto do desenvolvimento económico sobre a maioria da população, a sensação geral de frustração pode ser facilmente manipulada por dirigentes políticos que aspiram ao poder.

A reemergência do movimento radical CPD-RDTL, que se opõe firmemente à administração transitória das Nações Unidas, revela como algumas organizações

estão dispostas a usar a violência para servir as suas ambições políticas. No início de Março, três membros deste grupo foram presos e acusados de planearem assassinar Xanana Gusmão.

No mês de Março, Timor Leste viveu os distúrbios mais graves desde 1999, quando as milícias foram expulsas do território. Na segunda maior cidade, Baucau, rebentou um motim envolvendo centenas de jovens que atacaram a polícia jordan de reacção rápida, e incendiaram vários edifícios entre os quais a mesquita. No distrito de Viqueque, uma multidão entrou em fúria depois de um homem ter sido esfaqueado até à morte, incendiando mais de 40 casas. Cerca de 350 pessoas fugiram para a segurança do quartel-general da força de manutenção da paz, e outras 300 fugiram para as montanhas. As imagens de famílias fugindo das suas casas queimadas fizeram lembrar a crise que se seguiu ao referendo de Agosto de 1999. Não é ainda claro se a violência em Baucau e Viqueque foi espontânea ou provocada por activistas do CPD-RDTL, mas a agitação social é reveladora do nível de descontentamento em todo o território.

A crescente tensão está a causar mal-estar entre muitos timorenses que receiam que as eleições se transformem numa situação similar ao conflito inter-partidário entre a Fretilin e a UDT em 1974-75. A ocupação indonésia uniu a população de Timor Leste contra o inimigo comum, e as disputas internas que surgiram depois do fim do período colonial foram postas de lado. Mas agora que os indonésios finalmente deixaram o território, o risco é que conflito possa ressurgir nos meses que antecedem a independência.